

fonte: O Liberal class.: 165

data: 20/11/94 pg.: \_\_\_\_\_

# O perigo ronda as fronteiras

A Amazônia brasileira corre o risco de ingressar no terceiro milênio sem um mapa cartográfico completo. Hoje, 40% da região não são mapeados e disso se aproveitam os cartéis do narcotráfico e do contrabando para estender sua rede de atuação, especialmente na região de fronteira. O governo sabe disso, mas tem problemas financeiros para bancar as despesas — sem previsão, por enquanto — do mapeamento total da região.

O problema representa um perigo real para a soberania do país, que já registra atividades ilegais na fronteira da região. Os efeitos são contornáveis só na aparência. O prejuízo maior está exatamente na limitação de ações preventivas na fronteira: o Exército fica impossibilitado de realizar um trabalho eficaz de controle de soberania nacional, a fiscalização aduaneira da Receita Federal é praticamente inviabilizada e o controle de contrabando e de narcotráfico pela Polícia Federal é dificultado.

"Sem a completa cartografia, com limites bem definidos e representados, esse trabalho certamente será dificultado", reconhece Dauberson Monteiro da

Silva, coordenador executivo da 1ª Comissão Demarcadora de Limites, do Ministério das Relações Exteriores. "Não há dúvida de que ter uma cartografia e limites definidos é importante".

Tem razão. No ano passado, por exemplo, a comunidade internacional protestou com veemência contra o massacre dos Yanomami, em território Venezuelano, mas que inicialmente causou problemas ao Brasil por confusão de limites fronteiriços. Este ano, ocorreu o problema em Maciço da Neblina, envolvendo 40 garimpeiros brasileiros presos pela Guarda Nacional da Venezuela. Na rota do Calha Norte, a Polícia Federal já sabe da existência do narcotráfico e do contrabando de armas pesadas.

Apesar da escassez de recursos financeiros, o governo está sensível ao problema na fronteira amazônica. Já retomou contatos para a reorganização da comissão mista brasileira-guianesa, suspensa desde 1939, depois de encerrada a fase de demarcação entre os dois países, e também com o Suriname, onde não há nenhum trabalho desde 1938.

Recentemente, o Brasil estabeleceu contatos com o Peru

para fazer, no próximo ano, a inspeção dos marcos fronteiriços ao longo do Javari — trabalho, aliás, realizado por brasileiros e colombianos em julho último na fronteira dos dois países. A inspeção continuará no próximo ano entre Tabatinga e Apaporis.

Hoje, numa campanha de 80 dias na selva, técnicos brasileiros e venezuelanos fazem a densificação dos marcos na serra do Pacaraima, onde foram implantados 341 novos marcos. Em locais de difícil acesso, por causa das inúmeras corredeiras — como o rio Catrimani, na serra do Parima, fronteira da Venezuela — o espaçamento médio teórico é de cerca de 4 km de um para o outro. Mas o ideal é que os marcos sejam intervisíveis com espaçamento de 50 metros, como atualmente é feito na região do BV8 (fronteira com a Venezuela).

Na verdade, a conclusão do mapa cartográfico da Amazônia não depende apenas do Brasil. O grande desafio será o mapeamento da fronteira internacional brasileira, com mais de 9.767 quilômetros, compreendendo as fronteiras do Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Departamento da Guiana Francesa.



Perigo comum: índios venezuelanos ajudam brasileiros na demarcação

## As aventuras no seio da floresta densa

A demarcação e densificação dos 9.767 quilômetros de extensão da fronteira internacional brasileira é tarefa para verdadeiro herói. A selva fechada oferece a aventura do inusitado: corredeiras, cachoeiras e rios subterrâneos, além do perigo constante das cobras e jacarés, da malária e leishmaniose. Mas não há obstáculo intransponível na "campanha", segundo a linguagem dos desbravadores.

Perigosa é a rotina de cada campanha, especialmente as pioneiras, no início do século. Acesso à fronteira, só através dos rios que, ao longo do percurso, mostram suas armadilhas naturais: jacarés, corredeiras e cachoeiras que obrigavam os demarcadores a carregar canoas por veredas, abertas à medida que se embrenhavam na mata virgem.

Exemplo de rio traiçoeiro é o Catrimani, que deságua no rio

Branco. Começa no marco P.1 (Brasil), fronteira com a Venezuela, na serra Parima, tem várias corredeiras e cachoeiras. Para subi-lo de canoa, os demarcadores levavam mais de quatro meses. Mas a selva encanta pela imponência própria da natureza, como o misterioso rio Carsona, braço do rio Casuine: ele nasce na fronteira do Brasil com a Guiana e passa a ser subterrâneo na serra do Icarai, na divisa. Bifurca-se e desce para as duas bacias (brasileira, onde é denominado Carsona, e guianesa, onde é chamado New River).

Na mata, novos desafios: índios arredios, que muitas vezes tocaram brancos nos acampamentos, e cobras venenosas. A malária, empaludismo e leishmaniose eram constantes. "Muitos morreram", testemunha Mesquita Ramos, que já participou de campanhas e agora é desenhista da 1ª Comissão Demarcadora

de Limites.

Hoje, a tecnologia ajuda na demarcação e densificação, mas as adversidades da selva amazônica ainda são muitas. Exército, Marinha e Aeronáutica participam das campanhas, que têm à frente a 1ª Comissão Demarcadora de Limites, às vezes com apoio de comissões mistas dos países fronteiriços. "Ainda assim as dificuldades são muitas", admite Dauberson Monteiro.

Para abrir uma clareira e montar o acampamento, o Exército recorre aos rapelistas — homens treinados para abrir clareiras para o helicóptero descer em pontos estratégicos. A equipe de rapel demora de 3 a 5 dias na tarefa pioneira. Depois, é a vez dos densificadores — verdadeiros "bandeirantes", cujo trabalho bem realizado é a própria garantia da preservação da soberania na fronteira internacional brasileira.